

PEDAGOGIA

GRAZIELA BERNARDES SBRAVATTI

**PREVALÊNCIA DO
ALEITAMENTO MATERNO NA
UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE CERVEZON**



Rio Claro
2011

GRAZIELA BERNARDES SBRAVATTI

PREVALÊNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO NA UNIDADE
BÁSICA DE SAÚDE CERVEZON

Orientador: PROF^a. DR^a. SILVIA MARINA ANARUMA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciado em Pedagogia.

Rio Claro
2011

612.3 Sbravatti, Graziela Bernardes
S275p Prevalência do aleitamento materno na Unidade Básica de
Saúde Cervezon / Graziela Bernardes Sbravatti. - Rio Claro :
[s.n.], 2011
42 f. : il., gráfs., forms., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro
Orientador: Silvia Marina Anaruma

1. Nutrição. 2. Amamentação. 3. Alimentação Infantil. 4.
Maternidade. 5. Desmame. 6. Escolaridade. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedicatória

A Deus, por tudo o que sou, à minha amada mãe e amado pai e amado Paulo

Agradecimentos

Agradeço imensamente a mamãe Lúcia que me amamentou até os seis meses de forma exclusiva e até os nove meses de forma complementada, o que nos ajudou a ter um vínculo tão forte e que nos une para sempre. Agradeço por todas as noites ter me esperado com o jantar pronto para eu poder dormir mais rápido. Agradeço pela paciência, compreensão, dedicação, opinião ao ler meus trabalhos acadêmicos e me entregar diversos artigos para o TCC. Agradeço por seu amor que sei que é o maior do mundo. E sempre estaremos juntas uma apoiando a outra.

Ao meu papai Roberto, que sempre apoiou as minhas decisões e quando era preciso me aconselhava dizendo o que era melhor. Quando eu tinha dúvida se faria pedagogia ou veterinária, ele me dizia que me via como pedagoga, pois acreditava no meu amor pela educação. Mesmo não estando mais aqui presente comigo, sei que esta sempre olhando por mim e esta muito feliz de ver que estou alcançando o meu objetivo na universidade que sempre quis. Como dizíamos um ao outro, estaremos juntos para sempre.

Ao meu amado Paulo, que me apoiou e ajudou até altas horas, para que tudo ficasse perfeito. Organizava minhas tabelas e gráficos com toda a dedicação e amor. Vejo o quanto me ama pela grandeza dos seus gestos. Obrigada por fazer parte da minha vida, e se Deus quiser, para sempre.

Aos meus amigos da Unesp, que sempre estivemos unidos e batalhando por um mesmo objetivo. Meus amados que sinto tanta falta: Paulinha, minha querida amiga inesquecível, Chris meu grande amigo, Daniel, meu pai da Unesp, Roberto, nosso mestre cuca, minha querida Aline que desde o começo estávamos juntas, minhas queridas Gláucia, Cosma, Bárbara, Karilene, Juliene, Marília, Rianny, Katiane e todos sem exceção.

A todas as companheiras de trabalho, que ajudaram de alguma forma e que fizeram toda a diferença: Lecy, Lili, Karen, Ju, Regiane, Pri, Má, Thati e principalmente minha querida Aline que sempre tornou possível meus encontros com a orientadora, independente do horário. Você é muito especial para mim. Muito obrigada a todas!

A todos os amigos da van e nosso querido Erles, que tornaram minhas viagens muito mais agradáveis. Quantas risadas, brincadeiras, piadas...

A minha querida amiga Tati, que me ajudou demais em toda minha trajetória tanto acadêmica quanto na vida, e olha que eu sou a veterana dela e essa seria minha função. Muito obrigada!

A minha amada irmã de coração Bruna, por toda a compreensão e apoio sempre, pelos incentivos, companhia e amor.

A todos meus queridos amigos: Adriano, Rafa, Roberto, Pedro, Tati e Tali, pelos momentos de alegria e descontração.

A minha orientadora Prof^a. Dr^a. Silvia, por ter aceitado me orientar e me dar a oportunidade de realizar meu tão sonhado TCC.

Aos professores, que nos dão a chance de enriquecer nossos conhecimentos com tantas experiências maravilhosas que nos mostram. Sinto falta dos nossos momentos.

A minha querida e amada família Bernardes, sem vocês seria tudo muito triste. Em especial a minha tia Nena, que sempre se preocupa comigo e perguntava como estava meu TCC.

ALEITAMENTO MATERNO

Maria Antonieta Thomazini (in memorian)

Benditos os seios que amamentam
Na infiltração de tudo o que é mais puro.
Leite Materno a vida complementa
O berço do teu filho, reino do futuro.
A mão que amamenta, encolome gloriosa
O amor dominará a vida soberana
Nascida sob o céu será mais radiosa
Mais divina embora sendo humana.
Saudável alimento, melhor componente.
O leite materno, indubitavelmente.
É o amor principalmente.
É o dever maternalmente.
É a vida potencialmente.
É a ternura poeticamente.

(THOMAZINI, In: ANARUMA, 2010)

Lista de Figuras

Página

Figura 1: Relação entre a idade do bebê e o tipo de amamentação.....	21
Figura 2: Relação entre a ocupação das mães e o tipo de amamentação.....	22
Figura 3: Comparação dos níveis de escolaridade entre as mães que amamentam e não amamentam.....	27
Figura 4: Comparação da Ordem de Gravidez entre as mães que amamentam e que não amamentam.....	28
Figura 5: Comparação da Idade do Bebê entre as mães que amamentam e que não amamentam.....	30
Figura 6: Relação entre a ocupação e a amamentação.....	31
Figura 7: Relação entre o estado civil e a aderência a amamentação.....	32

Lista de Tabelas

	Página
Tabela 1: Detalhamento do número de mães e percentual segundo cada categoria.....	17
Tabela 2: Relação entre escolaridade e as mães que amamentam de forma exclusiva.....	17
Tabela 3: Relação entre escolaridade e as mães que amamentam de forma predominante.....	18
Tabela 4: Relação entre escolaridade e as mães que amamentam de forma complementada.....	18
Tabela 5: Relação entre a escolaridade das mães e o tipo de amamentação.....	19
Tabela 6: Relação entre a ordem de gravidez e o tipo de amamentação.....	19
Tabela 7: Relação entre a idade do bebê e o tipo de amamentação.....	20
Tabela 8: Relação entre a ocupação das mães e o tipo de amamentação.....	21
Tabela 9: Demonstração do estado civil das mães.....	22
Tabela 10: Relação entre idade e nível de escolaridade e porcentagem.....	24
Tabela 11: Percentual da ordem de gravidez.....	24
Tabela 12: Dados sobre a idade dos bebês.....	25

Tabela 13: Relação entre a aderência ao aleitamento e os níveis de escolaridade.....	27
Tabela 14: Relação entre ordem de gravidez e aderência à amamentação.....	28
Tabela 15: Relação entre a idade do bebê e a aderência à amamentação.....	29
Tabela 16: Relação entre a ocupação e a aderência à amamentação.....	30
Tabela 17: Relação entre o estado civil e a aderência à amamentação.....	31
Tabela 18: Comparação dos grupos de mães representando o predomínio dos resultados.....	33

SUMÁRIO

	Página
1	INTRODUÇÃO.....11
2	METODOLOGIA.....15
2.1	Análise dos dados.....15
3	RESULTADOS.....17
3.1	PERFIL DAS MÃES QUE ESTAVAM AMAMENTANDO..... 17
3.1.1	Em relação às quatro categorias de práticas de aleitamento.....17
3.1.2	Quanto à escolaridade.....17
3.1.2.1	Amamentação Exclusiva.....17
3.1.2.2	Amamentação Predominante.....18
3.1.2.3	Amamentação Complementada.....18
3.1.3	Quanto à ordem de gravidez.....19
3.1.4	Quanto à idade do bebê.....20
3.1.5	Quanto à ocupação.....21
3.1.6	Quanto ao estado civil.....22
	SÍNTESE DO PERFIL DAS MÃES QUE AMAMENTAM.....23
3.2	PERFIL DAS MÃES QUE NÃO ESTAVAM AMAMENTANDO.....24
3.2.1	Quanto à idade.....24
3.2.2	Quanto à escolaridade.....24
3.2.3	Quanto à ordem de gravidez.....24
3.2.4	Quanto à idade do bebê.....25
3.2.5	Quanto à ocupação.....25
3.2.6	Quanto ao estado civil.....25
	SÍNTESE DO PERFIL DAS MÃES QUE NÃO ESTAVAM AMAMENTANDO.....26
3.3	COMPARAÇÃO ENTRE OS PERFIS DAS MÃES QUE AMAMENTAM X MÃES QUE NÃO AMAMENTAM.....27
3.3.1	Quanto à escolaridade.....27

3.3.2	Quanto à ordem de gravidez.....	28
3.3.3	Quanto à idade do bebê.....	29
3.3.4	Quanto à ocupação.....	30
3.3.5	Quanto ao estado civil.....	31
	SÍNTESE DOS RESULTADOS.....	33
4	DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....	34
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
6	ANEXOS.....	38
	Anexo 1.....	39
	Anexo 2.....	40

1 INTRODUÇÃO

O leite humano é considerado o padrão ouro da alimentação infantil, sendo imprescindível para o crescimento e desenvolvimento da criança. É o único alimento completo e perfeito para o bebê, que lhe garante toda a qualidade com nutrientes essenciais para seu desenvolvimento até os seis meses de vida, sem necessidade de água, sucos ou outros tipos de leite, protegendo-o contra infecções, doenças e alergias durante o desenvolvimento do sistema imunológico.

Em 2001, a Organização Mundial da Saúde (OMS), passou a adotar como recomendação o aleitamento materno exclusivo durante os seis primeiros meses de vida. A partir disso tem-se início também ao desmame com a introdução de alimentos sólidos.

Segundo o autor Lopes (LURIA 2010), pediatra da UTI Neonatal no Rio de Janeiro, pesquisas criteriosas demonstraram níveis muito mais elevados das funções cognitivas em crianças com idades entre seis e vinte e quatro meses amamentadas exclusivamente pelo leite materno, em relação às crianças alimentadas com mamadeira, visto que foram observadas maior acuidade visual e habilidade motora e menor ocorrência de distúrbios emocionais e comportamentais.

Desde o nascimento o recém nascido já mostra sinais de seus sentidos, como quando descobre que ao chorar pode suprir o seu incomodo, se estiver com fome, frio, desconforto, sono. Portanto, já começa o processo do desenvolvimento cognitivo quando mostram que preferem algo e percebem o que acontece no seu novo ambiente.

O leite materno garante muitos benefícios para o bebê, como protegê-lo contra infecções; proteger contra alergia alimentar e outras doenças mais graves; estimular o desenvolvimento da estrutura da face e de suas funções como mastigação, fala, alinhamento dos dentes, respiração; estimular o desenvolvimento social, mental e da coordenação motora.

Encontramos também benefícios para a mãe, como diminuir as chances de desenvolver câncer de mama e de ovário, faz o útero voltar mais rápido ao seu tamanho normal, ajuda a mãe a perder mais rápido o peso que ganhou durante a gravidez (BRASIL, 2011), espaçamento entre as gestações, diminuir a morbidade e mortalidade das crianças nos países em desenvolvimento (PARIZOTO et al, 2011), prevenção das hemorragias pós-parto, involução uterina, prevenção de anemias,

proteção contra o câncer ginecológico, garantia do vínculo afetivo, diminuição da depressão pós-parto, além da relação que se cria entre mãe e filho quando se olham e trocam carinhos (Pastoral da criança, 2000).

Alguns fatores positivos associados à duração da amamentação estão relacionados com propostas de incentivo ao aleitamento materno, assistência no pré-natal, desempenho dos serviços de saúde, apoio dos familiares e sua realidade de vida (ISSLER, 2008).

Encontramos fatores que implicam no desmame precoce e que podem começar dentro da maternidade, como a separação desnecessária de mães e recém-nascidos, restrição na duração e frequência nas mamadas, dor ou infecção mamária, a mãe achar que tem pouco leite (LANA, 2008).

Porém muitas mães deixam de amamentar não somente porque não querem, temos que levar em conta a cultura, as crenças e os tabus que influenciam o aleitamento materno, como também o processo de urbanização e modernidade, onde as mulheres desempenham muitas funções, como trabalhar fora, cuidar da casa, cuidar da família e acabam deixando de lado algo tão importante para si e para o bebê.

No entanto, milhares de crianças e famílias já se beneficiam da conquista de seis meses de licença-maternidade, sendo que tem validade para o funcionalismo federal e para as servidoras de estados e municípios, dependendo de cada Governo (ISSLER, 2008).

Assim, ao retornar ao trabalho a mãe pode continuar com a amamentação exclusiva, em caso de licença-maternidade de até quatro meses ou com o aleitamento materno complementado quando se tem os seis meses, retirando seu leite e armazenando, podendo ser congelado por até quinze dias. O ideal é a mãe amamentar com frequência quando estiver em casa, evitar mamadeiras utilizando uma colher, pois o bico da mamadeira pode fazer a criança não sentir mais interesse no leite materno por ter que sugar com mais força (BRASIL, 2009).

No Brasil cresce o interesse por este tema, principalmente pensando nos benefícios que o aleitamento materno pode trazer para o Estado, tanto de ordem econômica, quanto de saúde pública. Aumenta o número de trabalhos com a intenção de levantar a prevalência da amamentação, a preparação de profissionais da saúde, a fim de fornecer parâmetros para a expansão das atividades de promoção, proteção e apoio ao aleitamento.

Mesmo assim, alguns estudos apontam a existência no Brasil de uma lacuna de conhecimento sobre padrões de aleitamento materno devido à escassez de estudos populacionais e um treinamento insuficiente dos profissionais (ISSLER, 2008).

Várias pesquisas foram desenvolvidas com a intenção de conhecer a realidade do nosso país, com relação à prevalência do aleitamento materno. Segundo levantamento fornecido pelo Ministério da Saúde que foi realizado em todas as capitais brasileiras, Distrito Federal e mais 239 municípios em 2008, o tempo médio de aleitamento materno no país é de 342 dias e o aleitamento materno exclusivo é de 54 dias. Já na região Sudeste, a mediana do aleitamento materno foi de 303,48 dias (BRASIL, 2009).

De acordo com resultados da pesquisa Amanunic – Projeto Amamentação e Municípios de 2010 (BRASIL, 2010), foram revelados que apenas 31% dos bebês são alimentados exclusivamente com leite materno nos seis primeiros meses de vida conforme orientação da Organização Mundial de Saúde. A pesquisa apurou que apenas 16,91% receberam aleitamento materno exclusivo e o restante a amamentação complementada (AMAMUNIC, 2011). O Projeto Amamunic 2010 foi realizado nos municípios de todos os 17 Departamentos Regionais de Saúde (DRS) do Estado de São Paulo, sendo que 345 destes participaram uma vez e 170 participaram duas ou mais vezes da pesquisa.

No município de Bauru, foi realizada uma pesquisa sobre a prevalência do aleitamento materno em crianças menores de seis meses, entre os anos de 1999 a 2006, e foi constatado que houve um aumento de 184,7% no aleitamento materno exclusivo (PARIZOTO et al, 2011).

Durante a segunda fase da Campanha de Multivacinação realizada em 2008, em todas as capitais brasileiras e Distrito Federal, com crianças menores de um ano, foi verificado que 67,7% mamaram na primeira hora de vida, variando de 58,5% em Salvador/BA a 83,5% em São Luis/MA. Já a prevalência do aleitamento materno em crianças menores de seis meses foi de 41,0% no conjunto das capitais brasileiras e Distrito Federal (BRASIL, 2009).

O Proama, Projeto de Extensão à Comunidade, atuando em várias frentes no município de Rio Claro, na Unesp, através da difusão de conhecimentos, pesquisas e campanhas desde 1999, também tem grande interesse nestes levantamentos, visando o direcionamento das ações desenvolvidas junto à comunidade para os

próximos anos, assegurando assim, um maior incentivo e melhor conscientização das mães na manutenção da qualidade de vida de seus filhos.

Neste sentido, pretendemos com este estudo descrever a situação da amamentação em uma Unidade Básica de Saúde do município de Rio Claro, localizada num dos bairros mais populosos, e traçar o perfil das mães, identificando as possíveis causas do desmame precoce, ou seja, antes dos seis meses de vida da criança. Esta pesquisa foi realizada no ano de 2011, durante a Campanha de Multivacinação.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é do tipo exploratória, utilizando como método a pesquisa bibliográfica e a entrevista estruturada com as mães de crianças com até sete meses no período da entrevista, ou seja, durante o dia da Campanha de Multivacinação Nacional no ano de 2011 sendo um momento estratégico de investigação, pois há um maior fluxo de mães de crianças menores de um ano de idade que comparecem para vacinar seus filhos.

A pesquisa bibliográfica foi obtida através de pesquisa com bibliografias de autores relacionados ao tema escolhido. Dessa forma, podem-se comparar resultados obtidos na entrevista e relacionar com o problema apresentado.

Foi escolhido como local de estudo a Unidade Básica de Saúde do bairro Cervezon, por termos informações da Fundação Municipal de Saúde, de que é um dos postos de maior fluxo de crianças no dia da vacinação, do município de Rio Claro, situada na região de Campinas, cuja população estimada é de 186.253 pessoas (BRASIL, 2010).

O instrumento de pesquisa utilizado foi um Roteiro de Entrevista do tipo estruturado (**Anexo I**) que teve o preenchimento das auxiliares da pesquisa – todas do Proama e previamente treinadas – no momento em que a mãe estava disponível e sem que atrapalhasse a vacinação, ou seja, após a vacina.

Assim, após a vacinação, as atendentes perguntavam para as mães qual a idade do bebê e comprovado que tinham até sete meses, eram encaminhadas para a entrevista que teve a duração em torno de 5 minutos.

Antes de a mãe responder às questões, ela era esclarecida sobre os objetivos da pesquisa e, uma vez que houvesse concordância a respeito da sua participação, fornecia seu nome e assinava o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (**Anexo II**), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos do Instituto de Biociências da Unesp – Campus de Rio Claro. (Registro CEP: 25.05.2010, Prot. nº 3604).

2.1 Análise dos dados

Foram entrevistadas 86 mães, na faixa etária de 16 a 39 anos, porém será analisada nesta pesquisa a faixa etária de 16 a 30 anos, totalizando 59 mulheres, de

acordo com as seguintes variáveis: idade, escolaridade, ordem de gravidez, idade do bebê, ocupação e estado civil. De acordo com dados fornecidos pela Vigilância Epidemiológica de Rio Claro, o total de bebês vacinados na 1ª fase da campanha de multivacinação foi na ordem de 12.312, sendo 3.032 menores de um ano. Portanto, nossa amostra corresponde a 0,48% do total.

Para a análise dos dados foram utilizados os indicadores da Organização Mundial da Saúde (MONTRONE, et al, 2000), como critério para a classificação das práticas do aleitamento materno, divididos em quatro categorias:

- 1 *Exclusiva*: aleitamento materno como único alimento, podendo o lactente receber vitaminas, minerais ou medicamentos;
- 2 *Predominante*: aleitamento materno mais água, sucos, chá ou soro de rehidratação oral;
- 3 *Complementada*: leite materno e complemento semi-sólido ou sólido;
- 4 *Amamentação*: recebe leite materno independente de qualquer complemento, lácteo ou não.

Os resultados foram analisados em três etapas: a 1ª etapa consistiu na análise das mães que estavam amamentando, a 2ª etapa, na análise das mães que não estavam amamentando e na 3ª etapa foi realizada uma comparação entre os dois resultados.

3 RESULTADOS

3.1 PERFIL DAS MÃES QUE ESTAVAM AMAMENTANDO

3.1.1 Em relação às quatro categorias de práticas de aleitamento materno

Foram entrevistadas 59 mães com idade entre 16 a 30 anos, obtendo uma média de idade de 25 anos. Destas, 88% estavam amamentando, sendo 53,85 % de forma exclusiva, 25,00% predominante, 21,15% complementada.

Tabela 1 – Detalhamento do número de mães e percentual segundo cada categoria

Amamentação Exclusiva		Amamentação Predominante		Amamentação Complementada		Total de Lactentes
n	%	n	%	n	%	
28	53,85	13	25,00	11	21,15	52

Nota-se que a amamentação exclusiva se destaca, tendo mais do que a metade das mães que utilizam somente o leite materno como único alimento, a outra metade se divide em amamentação predominante e a amamentação complementada.

3.1.2 Quanto à escolaridade

3.1.2.1 Amamentação Exclusiva

Tabela 2 – Relação entre escolaridade e as mães que amamentam de forma exclusiva

Idade	Fundamental				Médio		Superior
	1ºCI	1ºCC	2ºCI	2ºCC	I	C	
16 a 30 anos	0	0	2	1	5	18	2
Total Geral			3			23	2
%			10,71			82,14	7,14

Legenda: 1ºCI – 1ºCiclo Incompleto 1ºCC – 1ºCiclo Completo

2ºCI – 2ºCiclo Incompleto 2ºCC – 2ºCiclo Completo

Fazendo uma relação entre amamentação exclusiva e a escolaridade observa-se que 10,71% das mães cursaram o Ensino Fundamental, porém 7,14% não concluíram; 82,14% das mães cursaram o Ensino Médio e 64,29% concluíram o curso. Já 7,14% das mães alcançaram o nível superior de escolaridade. O índice de abandono escolar foi de 25,00% tendo em vista as mães que abandonaram o ensino fundamental e médio.

3.1.2.2 Amamentação Predominante

Tabela 3 – Relação entre escolaridade e as mães que amamentam de forma predominante

Idade	1ºCI	Fundamental		Médio		Superior	
		1ºCC	2ºCI	2ºCC	I		C
16 a 30 anos	0	0	0	0	0	12	1
Total Geral			0			12	1
%			0			92,31	7,69

Das 13 mães que amamentaram de forma predominante, todas concluíram o Ensino Fundamental e 92,31% completaram o Ensino Médio. Em relação ao Ensino Superior 7,69% cursaram.

3.1.2.3 Amamentação Complementada

Tabela 4 – Relação entre escolaridade e as mães que amamentam de forma complementada

Idade	1ºCI	Fundamental		Médio		Superior	
		1ºCC	2ºCI	2ºCC	I		C
16 a 30 anos	0	0	2	0	3	4	2
Total Geral			2			7	2
%			18,18			63,64	18,18

Das 11 mães desta categoria, 18,18% frequentou o Ensino Fundamental, mas não terminou; 63,64% cursou o Ensino Médio e 18,18% o Ensino Superior.

Tabela 5 – Relação entre a Escolaridade das mães e o Tipo de Amamentação

Tipo de Amamentação	Fundamental				Médio				Superior	
	Incompleto		Completo		Incompleto		Completo		n	%
	n	%	n	%	n	%	n	%		
Exclusiva	2	3,85	1	1,92	5	9,62	18	34,62	2	3,85
Predominante	0	0	0	0	0	0	12	23,08	1	1,92
Complementada	2	3,85	0	0	3	5,77	4	7,69	2	3,85
Total	4	7,69	1	1,92	8	15,39	34	65,38	5	9,62
%	9,61				80,77				9,62	

Fazendo-se uma análise das pré-categorias, observa-se o predomínio da escolaridade no nível médio e também o maior número de mães que amamentam nos três tipos.

Quando se atinge o nível superior, há um declínio nos tipos de amamentação ficando próximo à amamentação das mães que cursaram até o ensino fundamental. Assim, tanto no ensino fundamental quanto no ensino superior a amamentação exclusiva e complementada se equivale. Observa-se que quando se atinge o ensino médio o índice de amamentação aumenta, mas no superior declina novamente.

3.1.3 Quanto à ordem de gravidez

Tabela 6 – Relação entre a Ordem de Gravidez e o tipo de amamentação

Ordem de Gravidez	1		2		3	
	n	%	n	%	n	%
Amamentação Exclusiva	13	48,15	10	62,5	5	55,56
Amamentação Predominante	8	29,63	3	18,75	2	22,22
Amamentação Complementada	6	22,22	3	18,75	2	22,22
TOTAL	27	100	16	100	9	100

O número de gravidezes entre as mães que estão amamentando variou de 1 a 3, sendo que 51,92% das mães estavam na 1ª gravidez, 30,77% na 2ª gravidez e 17,31% na 3ª gravidez.

Nota-se que na amamentação exclusiva há um aumento de adesão na 2ª em relação à 1ª gravidez de aproximadamente 14%, no entanto na amamentação predominante vemos o inverso, sendo que houve uma diminuição em torno de 11% de adesão na 2ª em relação à 1ª gravidez.

Se considerarmos um percentual médio para amamentação exclusiva em torno de 55%, (média entre os três percentuais) verificamos que na 3ª gravidez corresponde a esta média e que na 1ª e 2ª gravidez variaram em torno desta média.

E ainda que seja bem parecida em número absoluto, a diferença de percentual entre as mães que decidem amamentar de forma exclusiva na 2ª gravidez em relação a 1ª e as mães que deixaram de optar pela amamentação predominante na 2ª gravidez em relação a 1ª.

Na amamentação complementada os percentuais são iguais na 1ª e 3ª gravidez, tendo uma pequena variação na 2ª, mostrando certa constância para este tipo de amamentação nas ordens de gravidez 1, 2 e 3.

3.1.4 Quanto à idade do bebê

Com relação à idade dos bebês, observa-se o predomínio da amamentação nos seis primeiros meses de vida, visto que podemos verificar uma queda expressiva no 7º mês.

Tabela 7 - Relação entre a idade do bebê e o tipo de amamentação

Tipo de Amamentação	1 mês		2 meses		3 meses		4 meses		5 meses		6 meses		7 meses	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
	Am. Exclusiva	5	83,3	2	25,0	4	80,0	7	70,0	4	66,7	0	0,0	1
Am. Predominante	1	16,7	6	75,0	1	20,0	2	20,0	1	16,7	1	12,5	0	0,0
Am. Complementada	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	10,0	1	16,7	7	87,5	2	66,7
Total	6		8		5		10		6		8		3	
%	13,04		17,39		10,87		21,74		13,04		17,39		6,52	

*Obs.: Das 52 mães, foram retiradas seis, pois seus bebês eram menores de um mês.

De acordo com a tabela, observamos que já com 1 mês é introduzido algum tipo de alimento líquido. Com dois meses, a porcentagem de bebês com amamentação exclusiva diminui e aumenta a amamentação predominante. Somente a partir do 4º mês nota-se a introdução de alimento sólido. A amamentação exclusiva se mantém até o 5º mês, sendo interrompida no 6º onde se tem o predomínio da amamentação complementada.

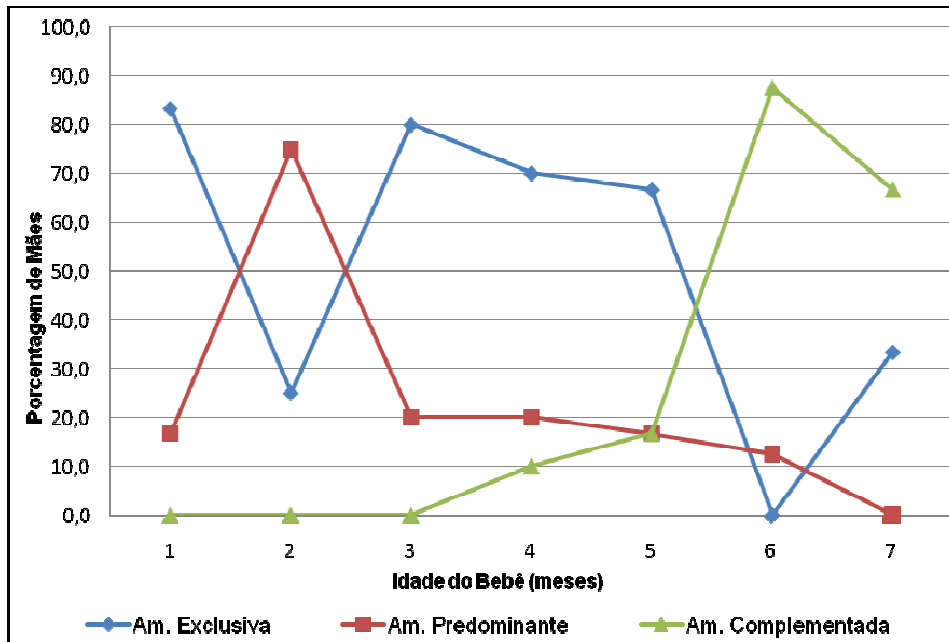


Figura 1 – Relação entre a Idade do Bebê e o Tipo de Amamentação

3.1.5 Quanto à ocupação

Sabemos que 32,69% das mães trabalham e 67,31% não trabalham.

Tabela 8 – Relação entre a ocupação das mães e o Tipo de Amamentação

Amamentação	Exclusiva		Predominante		Complementada	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Trabalham	9	19	5	8	3	8
%	32,14	67,86	38,46	61,54	27,27	72,73
Total	28		13		11	

Em todos os tipos de amamentação, predomina o número de mães que não trabalham, totalizando 67,31%. Observa-se que das mães que amamentam de forma complementada 72,73% não trabalham. Nos outros tipos, nota-se que o número de mães que trabalham aumenta, indicando que o trabalho pode influenciar no tipo de amamentação.

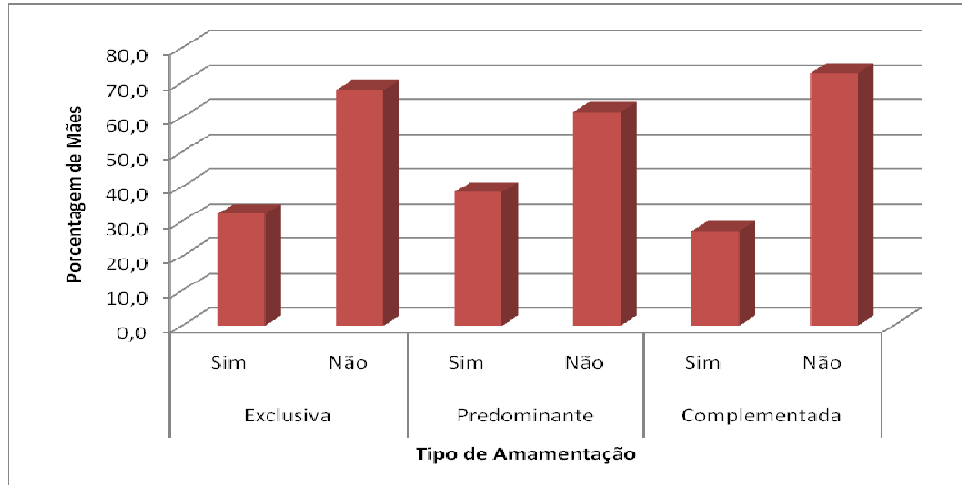


Figura 2 – Relação entre a Ocupação das Mães e o Tipo de Amamentação

3.1.6 Quanto ao estado civil

Nos três tipos de amamentação observa-se o predomínio de mães com a presença de um companheiro (84,62%).

Tabela 9 – Demonstração do Estado Civil das mães

Tipo de Amamentação	Com Companheiro		Solteiras	
	n	%	n	%
Exclusiva	25	48,08	3	5,77
Predominante	9	17,31	4	7,69
Complementada	10	19,23	1	1,92
Total	44	84,62	8	15,38

Observa-se que no tipo de amamentação de forma exclusiva predomina o número de mães que tem um companheiro (48,08%), e somente 5,77% são solteiras. O mesmo ocorre nos demais tipos de amamentação. A presença de um companheiro parece ser um fator positivo na aderência ao aleitamento materno.

SÍNTESE DO PERFIL DAS MÃES QUE AMAMENTAM

As mães que amamentam têm a idade entre 16 e 30 anos, numa média de 25 anos. Com relação à escolaridade, a maior concentração está no Ensino Médio, sendo que temos 80,77% das mães. Quanto à ordem de gravidez, esta variou de 1ª a 3ª, sendo a maior incidência na 1ª gravidez. Com relação à idade dos bebês, verificou-se que a maioria se encontrava no 4º mês e já no 2º mês havia diminuição na amamentação exclusiva. Quanto à ocupação, temos que a maioria não trabalha. Já com relação ao estado civil a grande maioria tem um companheiro.

3.2 PERFIL DAS MÃES QUE NÃO ESTAVAM AMAMENTANDO

Das 59 mães entrevistadas, 11,86% não estavam amamentando. Abaixo será apresentado o perfil dessas mães.

3.2.1 Quanto à idade

Sabemos que são 7 mães que não estavam amamentando com idade entre 22 a 30 anos.

3.2.2 Quanto à escolaridade

Tabela 10 – Relação entre idade e nível de escolaridade e porcentagem

Idade	1ºCI	Fundamental			Médio		Superior
		1ºCC	2ºCI	2ºCC	I	C	
22 a 30 anos	0	0	0	2	1	3	1
Total Geral		2			4		1
%		28,57			57,14		14,29

A maioria das mães frequentou o Ensino Médio, totalizando 57,14% seguidos por uma menor porcentagem que frequentou o Ensino Fundamental, sendo 28,57%. Visto que 14,29% alcançaram o Ensino Superior. Observa-se que 14,29% das mães não completaram seus estudos.

3.2.3 Quanto à ordem de gravidez

Tabela 11 – Percentual da ordem de gravidez

Ordem de Gravidez	1ª		2ª		3ª	
	n	%	n	%	n	%
TOTAL	1	14,29	4	57,14	2	28,57

Com relação à ordem de gravidez, observa-se que ela variou de 1 a 3, sendo que 14,29% das mulheres estavam na 1ª gravidez, 57,14% na 2ª gravidez e 28,57% estavam na 3ª gravidez, ou seja, a maioria das mães estavam na 2ª gravidez.

3.2.4 Quanto à idade do bebê

Tabela 12 – Dados sobre a idade dos bebês

Idade	1 Mês	2 Meses	3 Meses	4 Meses	5 Meses
Quantidade	1	2	2	1	1

A idade do bebê variou de 1 a 5 meses, com maior predominância nos bebês de 2 e 3 meses.

3.2.5 Quanto à ocupação

Dentre as mães que não amamentam 42,90% trabalham e 57,10% não trabalham.

3.2.6 Quanto ao estado civil

Em relação ao estado civil, 85,70% das mães tem um companheiro e 14,30% são solteiras. Não há mães separadas.

SÍNTESE DO PERFIL DAS MÃES QUE NÃO ESTAVAM AMAMENTANDO

Em relação ao perfil das mulheres que não amamentam que são 11,86%, estavam com idade entre 22 a 30 anos. Em relação à escolaridade 28,57% tem o ensino fundamental (completo ou não), 57,14% tem o ensino médio (completo ou não) e 14,29% tem o ensino superior. Em relação à ordem de gravidez 14,29% estavam na 1ª gravidez, 57,14% estava na 2ª gravidez e 28,57% estavam na 3ª gravidez. Em relação à idade do bebê 71,43% estavam na faixa de 1 a 3 meses e 28,57% estavam na faixa de 4 a 5 meses. Quanto à ocupação predominou a porcentagem de mães que não trabalham (57,10%). Já, 85,70% das mães tinham um companheiro.

3.3 COMPARAÇÃO ENTRE OS PERFIS DAS MÃES QUE AMAMENTAM X MÃES QUE NÃO AMAMENTAM

3.3.1 Quanto à escolaridade

Tabela 13 – Relação entre a aderência ao aleitamento e os níveis de escolaridade

Escolaridade	Ensino Fundamental					Ensino Médio			Ensino Superior	
	1ºCI	1ºCC	2ºCI	2ºCC	%	EMI	EMC	%	n	%
Amamentam	0	0	4	1	8,47	8	34	71,19	5	8,47
Não Amamentam	0	0	0	2	3,39	1	3	6,78	1	1,69
Total	0	0	4	3	11,86	9	37	77,97	6	10,17
Total Geral			7		11,86		46	77,97	6	10,17

Verificamos que do total de mães, 11,86% fizeram somente o Ensino Fundamental, embora 6,78% não tenham completado e deste total, as mães só pertenciam ao 2º Ciclo. Encontramos 77,97% que freqüentaram até o Ensino Médio e 10,17% alcançaram o Ensino Superior. Temos que 22,03% não concluíram seus estudos.

Fazendo uma comparação entre os três segmentos, verificamos que as mães que amamentam possuem maior escolaridade em relação às mães que não amamentam, sendo a grande concentração no Ensino Médio.

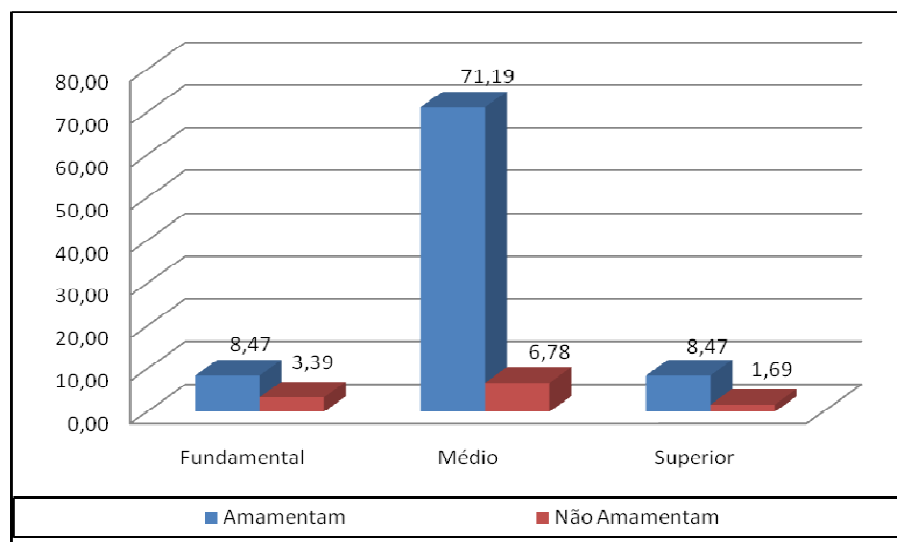


Figura 3 – Comparação dos níveis de escolaridade entre as mães que amamentam e não amamentam

3.3.2 Quanto à ordem de gravidez

Tabela 14 – Relação entre ordem de gravidez e aderência à amamentação

Ordem	Amamentam		Não Amamentam		Total	
	n	%	n	%	n	%
1ª	27	51,92	1	14,29	28	47,46
2ª	16	30,77	4	57,14	20	33,90
3ª	9	17,31	2	28,57	11	18,64
Total	52	100,00	7	100,00	59	100,00

Observando-se o resultado total, o número de gravidezes das mães variou de 1 a 3, sendo que 47,46% estavam na 1ª gravidez, 33,90% estavam na 2ª e 18,64% estavam na 3ª gravidez.

Fazendo a comparação entre as mães que amamentam e as que não amamentam, verificamos que as que amamentam diminuem a aderência ao aleitamento conforme o número de gravidezes. O mesmo acontece com as que não amamentam, pois da 1ª para a 2ª gravidez há um aumento no desmame, porém na 3ª gravidez isso se inverte. O número de gravidezes parece fazer diferença na escolha da amamentação.

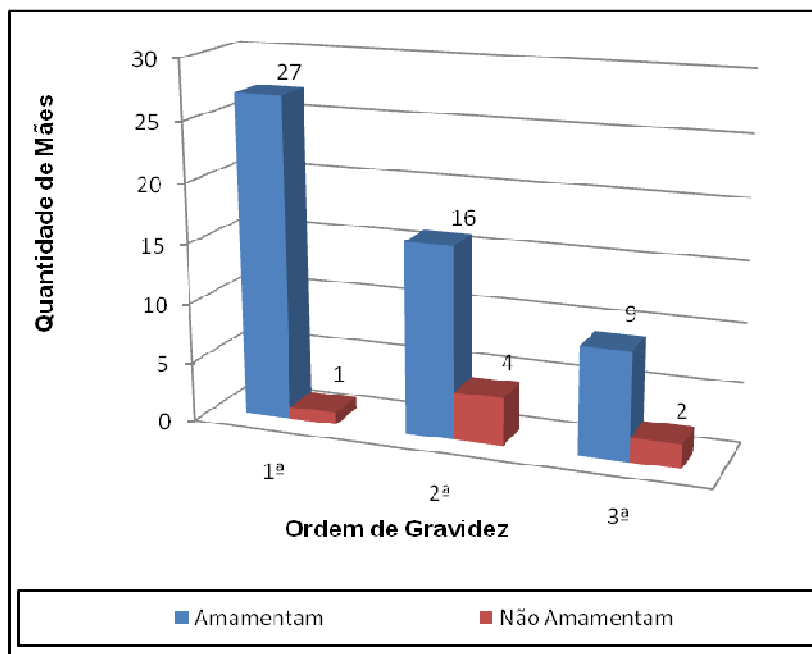


Figura 4 – Comparação da Ordem de Gravidez entre as mães que amamentam e que não amamentam

3.3.3 Quanto à idade do bebê

Tabela 15 – Relação entre a idade do bebê e a aderência à amamentação

Idade do Bebê	Amamentam		Não Amamentam		Total	
	n	%	n	%	n	%
1 mês	6	85,71	1	14,29	7	11,86
2 meses	8	80,00	2	20,00	10	16,95
3 meses	5	71,43	2	28,57	7	11,86
4 meses	10	90,91	1	9,09	11	18,64
5 meses	6	85,71	1	14,29	7	11,86
6 meses	8	100,00	0	0,00	8	13,56
7 meses	3	100,00	0	0,00	3	5,08
< 4 meses	19	79,17	5	20,83	24	40,68
>=4 e <=6 meses	24	92,31	2	7,69	26	44,07

*Obs.: Das 52 mães que amamentam, foram retiradas seis, pois seus bebês eram menores de um mês.

Observa-se que a maior parte dos bebês (18,64%) se encontra no 4^o mês de idade, seguidos pelos bebês com 2 meses (16,95%), 6 meses (13,56%), com o mesmo percentual (11,86%) encontram-se os bebês com 1, 3 e 5 meses e finalmente 7 meses com 5,08%.

Fazendo uma comparação entre as mães que amamentam e as que não amamentam, observa-se que praticamente se mantém a porcentagem das mães que amamentam, havendo uma diminuição no 3^o mês, mas já se recupera no 4^o mês e permanece até o 7^o mês.

Quanto ao desmame, observa-se que no 1^o mês foi de 14,29%, porém no 2^o e 3^o mês há um aumento em 28,57%, dobrando o índice de desmame.

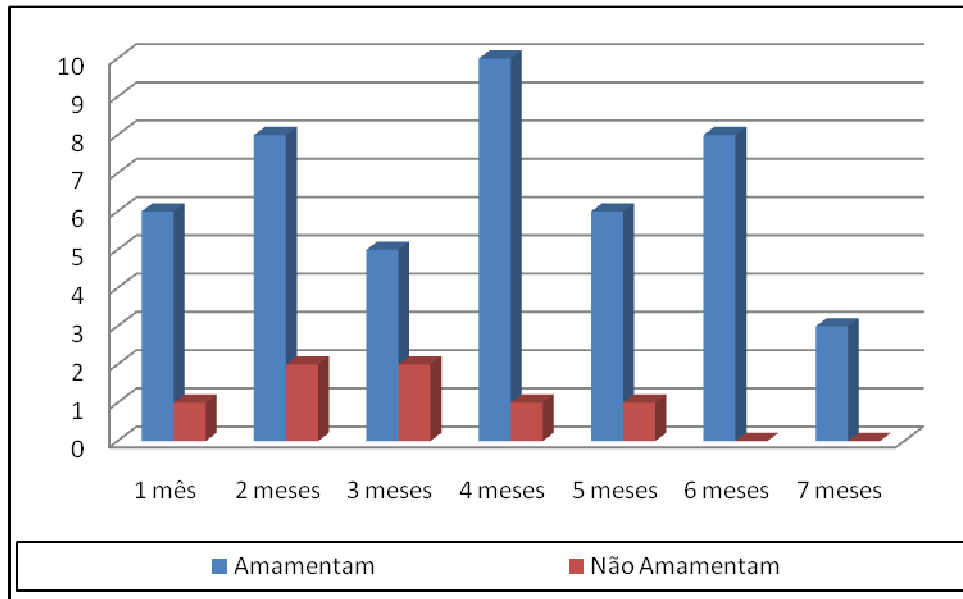


Figura 5 – Comparação da Idade do Bebê entre as mães que amamentam e que não amamentam

3.3.4 Quanto à ocupação

Tabela 16 – Relação entre a ocupação e a aderência à amamentação

	Trabalham		Não Trabalham	
	n	%	n	%
Amamentam	17	32,69	35	67,31
Não Amamentam	3	42,86	4	57,14
Total	20	33,90	39	66,10

De todas as mães pesquisadas, observa-se que 33,90% trabalham e 66,10% não trabalham. Portanto, predomina o número de mulheres que não trabalham. Observa-se que dentre as mães que trabalham a maioria amamentam, assim como as mães que não trabalham. Contudo nota-se um número bem menor de mães que amamentam mesmo trabalhando, assim percebe-se que o fator ocupação pode interferir na aderência à amamentação.

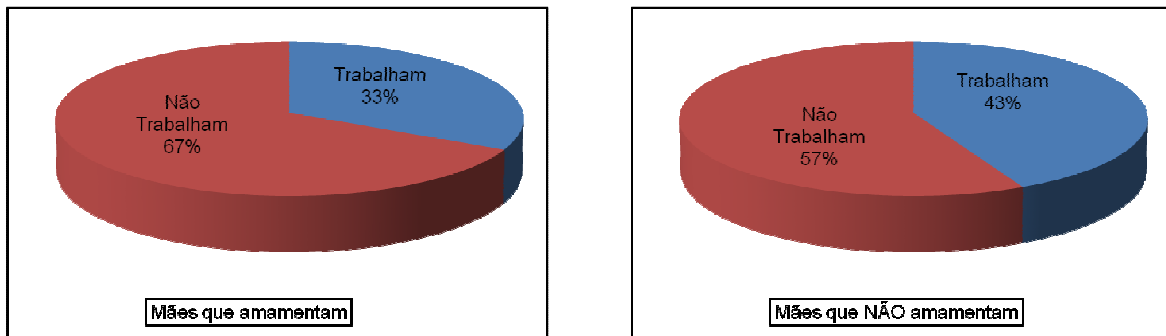


Figura 6 – Gráficos de relação entre a ocupação e a aderência à amamentação

3.3.5 Quanto ao estado civil

Tabela 17 – Relação entre o estado civil e a aderência à amamentação

	Casadas		Solteiras		Separadas	
	Am.	Não Am.	Am.	Não Am.	Am.	Não Am.
n	43	6	8	1	1	0
%	82,69	85,71	15,38	14,29	1,92	0,00
% Total	83,05		15,25		1,70	

Quanto ao estado civil, predomina o número de mães que tem um companheiro (casadas e amasiadas) numa proporção de 83,05% para 15,25% solteiras e 1,69% separadas. Quando comparamos os dois grupos, observa-se que 82,69% das mães que amamentam e 85,71% das mães que não amamentam tem um companheiro. Entre as solteiras, temos 15,38% das mães que amamentam e 14,29% das que não amamentam. Somente uma mãe separada amamenta.

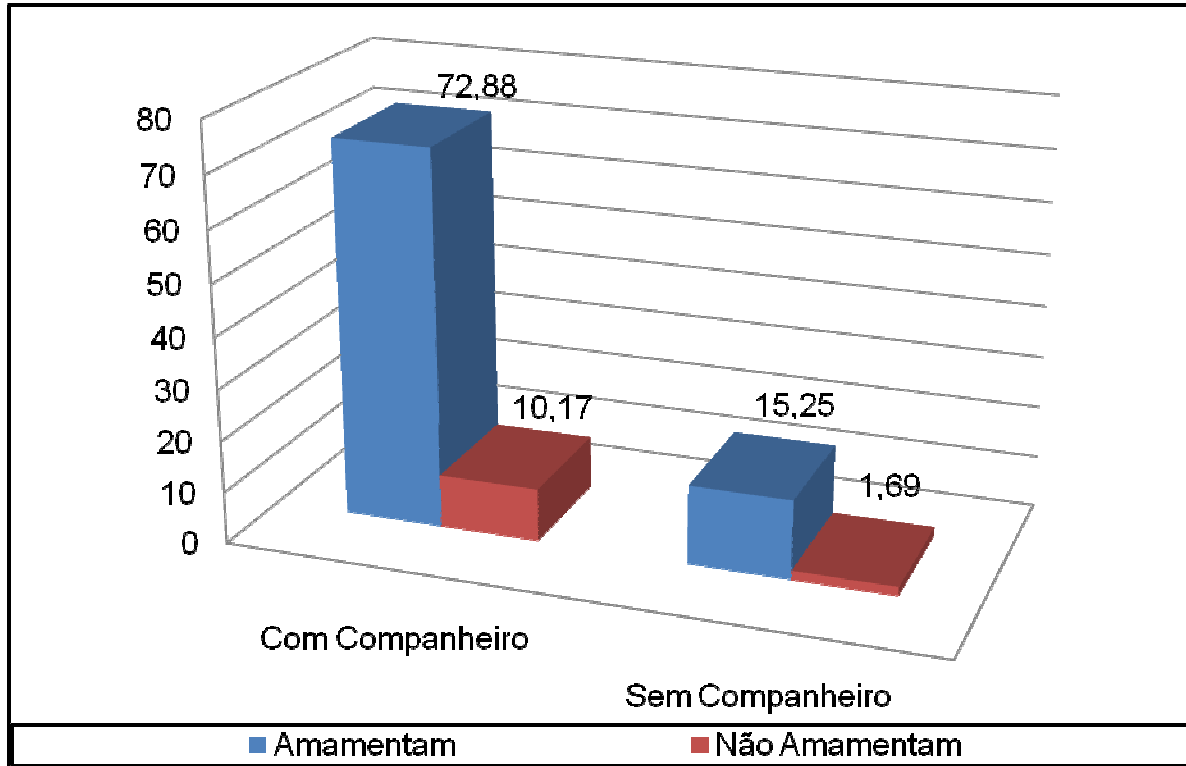


Figura 7 – Relação entre o estado civil e a aderência à amamentação

SÍNTESE DOS RESULTADOS

Do total de mães entrevistadas, 88% estavam amamentando, sendo 53,85 % de forma exclusiva, 25,00% predominante, 21,15% na forma complementada. Quanto à idade, as mães tinham entre 16 a 30 anos. Quanto à escolaridade, 11,86% fizeram o Ensino Fundamental, 77,97% o Ensino Médio e 10,17% o Ensino Superior. Há um índice de 22,03% de abandono escolar. As mães que amamentam possuem maior escolaridade em relação às mães que não amamentam. Houve o predomínio das mães que estava na 1ª gravidez. As mães que amamentam apresentaram maior número de gravidezes. Verificou-se a introdução de líquido já com um mês de vida do bebê e de alimento sólido a partir do 4º mês. Em relação à ocupação, a maioria das mães não trabalha (66,10%), porém amamentam mais do que as que trabalham. Quanto ao estado civil, 83,05% das mães tem um companheiro.

VARIÁVEL	MÃES QUE AMAMENTAM	MÃES QUE NÃO AMAMENTAM
IDADE	16 a 30	22 a 30
ESCOLARIDADE	MÉDIO	MÉDIO
ORDEM	MENOS FILHOS	MAIS FILHOS
IDADE DO BEBE	MAIS NOVOS	MAIS NOVOS
OCUPAÇÃO	NÃO TRABALHAM	TRABALHAM
ESTADO CIVIL	COM COMPANHEIRO	COM COMPANHEIRO

Tabela 18 – Comparação dos grupos de mães representando o predomínio dos resultados

4 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A pesquisa atingiu o objetivo proposto, ao obter as informações em uma Unidade Básica de Saúde em entrevista com as mães de bebês de até sete meses, em termos de expectativas e objetivos. Pude observar através das entrevistas que alguns aspectos foram muito relevantes, os quais apresentarei a seguir.

Referente à escolha pela amamentação, pode-se considerar satisfatório, já que 88% das mães estavam amamentando e mais do que a metade adotaram a amamentação exclusiva, onde encontramos muitos benefícios tanto para a mãe quanto para o bebê.

Observa-se que as mães que amamentam possuem um nível de escolaridade maior em relação as que não amamentam. Segundo a literatura, as mães que amamentam atingem no mínimo um determinado nível de escolaridade dificultando o desmame (ESCOBAR, 2002), o que em nossa pesquisa se afirma.

A informação e divulgação são muito importantes para a prevalência do aleitamento materno, assim como o incentivo e suporte de serviços de saúde para a preparação das mães que podem contar com apoio para tirar dúvidas e solucionar dificuldades. Muitas mães desconhecem a importância da amamentação, por isso a importância de programas e grupos que possam auxiliá-las e esclarecer os benefícios que esta prática traz.

Encontramos o número de gravidez como um fator para o desmame, pois houve diminuição à aderência à amamentação conforme se aumentou o número de filhos. Assim, o número de gravidez pode fazer a diferença na escolha pela amamentação.

Outro fator relacionado ao desmame é a idade do bebê, onde observamos que do 1º mês em diante há uma queda no aleitamento materno. Muitas mães acreditam que somente seu leite não é suficiente para seu filho, o que resulta na introdução de alimentos líquidos ou sólidos antes de atingir seis meses, idade ideal para a amamentação exclusiva.

Nesta pesquisa foi encontrado um maior número de mulheres que não trabalham, porém amamentam. Vemos que a aderência a amamentação diminui para as mães que trabalham. A legislação brasileira protege a amamentação, obrigando as empresas a dar o direito à mãe de licença-maternidade, no mínimo de

120 dias sem ter prejuízos do emprego ou do salário (BRASIL, 2007). Portanto, pode-se garantir o aleitamento materno para as mães trabalhadoras.

A presença de um companheiro não significou impedimento ou determinou a amamentação. Sabemos que é de extrema importância a contribuição do parceiro e da família para a amamentação, porém nesta pesquisa tanto as mães que amamentam quanto as que não amamentam tem a presença de um companheiro, o que nos mostra que existem outros fatores mais preocupantes do que o estado civil da mãe.

É muito necessário para a mãe ter conhecimento dos benefícios da amamentação, para ambas as partes, e se precisar de ajuda ter um lugar ou a quem recorrer. Portanto, o importante é investir mais ainda na promoção ao aleitamento materno, seja por palestras, propagandas, auxílio nos pré-natais, a presença de pessoas capacitadas em hospitais durante toda a gestação, no momento do nascimento do bebê, para termos uma melhor qualidade de vida, diminuição da mortalidade infantil, bebês bem nutridos e o laço afetivo mais próximo.

Espera-se que através desta pesquisa os profissionais de diversas áreas relacionadas ao tema se mobilizem para transmitir as mães informações e conteúdo que facilitem sua integração com o bebê e a aderência a amamentação. Pode-se trabalhar com palestras, demonstrações, experiências de outras mães que amamentam apresentando todos os benefícios de tal prática, lembrando que não é necessário nenhum esforço por ser um ato de amor.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANARUMA, S. M. **Leite da vida: aleitamento materno em poesia**. Rio Claro: Nova RC Editora e Artes Gráficas, 2010.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades/Censo 2010 – Rio Claro**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 25 Set. 2010.

_____. Instituto de Saúde. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Projeto amamentação e municípios. **Projeto Amamentação e Municípios: a trajetória de implantação de uma estratégia para a avaliação e monitoramento das práticas de alimentação infantil no Estado de São Paulo, no período de 1998-2008**. São Paulo, 2010. Disponível em: <ftp://ftp.cve.saude.sp.gov.br/doc_tec/outros/bepa83_amamenta.pdf>. Acesso em: 10 Set. 2011.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **II Pesquisa de prevalência de aleitamento materno nas capitais brasileiras e Distrito Federal**. Brasília: MS, 2009.

AMAMUNIC. **Projeto amamentação e municípios**. Jornal Cidade Rio Claro, 2011. Disponível em: <<http://busk.com/news/pesquisa-amamunic>>. Acesso em: 10 Set. 2011.

_____. **Promovendo o aleitamento materno**. 2ª edição, revisada. Brasília: 2007. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/redeblh/media/albam.pdf>>. Acesso em: 01 Set. 2011.

_____. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009.

_____. **Tempo médio de aleitamento materno aumenta de 296 para 342 dias em nove anos**. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://guiadobebe.uol.com.br/tempo-medio-de-aleitamento-materno-aumenta/>>. Acesso em: 12 Set. 2011.

_____. Secretaria de agricultura e abastecimento. **Projeto estadual do leite – vivaleite**. São Paulo, 2011.

ESCOBAR, A. M.U. et al. **Aleitamento materno e condições socioeconômico-culturais: fatores que levam ao desmame precoce**. Rev. Bras. Saude Mater. Infant., Recife, v.2, n. 3, set./dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292002000300006>. Acesso em: 06 Out. 2011.

FLAVELL, J. H.; MILLER, P. H.; MILLER, S.A. **Desenvolvimento cognitivo**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1999.

ISSLER, H. Causas do desmame precoce. In: ISSLER, H. **O Aleitamento materno no contexto atual: políticas, prática e bases científicas**. São Paulo: SARVIER, 2008, p. 423-430.

LANA, A. P. B. **Leite Materno: Como Mantê-lo Sempre Abundante**. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2008.

LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento Cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais**. São Paulo: Ícone, 2010.

MONTRONE, V.G.; ARANTES, C.I. **Prevalência do aleitamento materno na cidade de São Carlos**. São Paulo. *Jornal de Pediatria*. V. 76, n.2, p. 138-141, 2000.


PARIZOTO, G. M.; PARADA, C. M. G. de L.; VENÂNCIO, S. I; CARVALHAES, M. A. de B. L.. **Tendência e determinantes do aleitamento materno exclusivo em crianças menores de 6 meses**. [S.l.]: Scielo Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572009000300004&lang=pt>. Acesso em: 16 Jul. 2011.

PASTORAL DA CRIANÇA. **Guia do Líder da Pastoral da Criança**. 2ª ed. Curitiba, 2000.

REGO, J. D. **Aleitamento materno: um guia para pais e familiares**. São Paulo: Atheneu, 2008.

6 ANEXOS

ANEXO 2



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96)

Prezada mãe ou responsável

Fazemos parte do PROAMA – Projeto Amamentar, que é um projeto de extensão a comunidade da UNESP. Uma das nossas atividades é a orientação de mulheres, a outra é a pesquisa que fazemos para conhecer de perto a nossa realidade. No ano de 2003 nós fizemos uma pesquisa para saber qual a alimentação que as mães estavam dando para os seus bebês que foram vacinados nesta UBS. Hoje, iremos repetir a mesma pesquisa para sabermos se houve alguma mudança nestes dados.

Convidamos você para participar desta pesquisa que tem o objetivo de saber qual a alimentação está sendo dada para os bebês até os 7 meses e quantas mães estão amamentando. Isto porque precisamos saber se nossas Campanhas e as orientações que vocês recebem estão tendo efeito. Portanto, ela reverterá para as mulheres e crianças do nosso Município. Nós faremos uma entrevista com você, que não irá demorar mais do que 5 minutos, em que irá responder a algumas questões simples. A entrevistadora irá anotar os seus dados.

A pesquisa não prevê nenhum tipo de risco, mas se você em algum momento não estiver se sentindo bem nos avise que providenciaremos um auxílio com os profissionais da UBS. Você tem a opção de não responder a alguma questão que te incomode. Também esclarecemos que seus dados serão mantidos em total sigilo e suas respostas só serão usadas para fins de pesquisa.

A qualquer momento você poderá interromper a entrevista caso queira desistir, sem qualquer penalização por isso. Garantimos também qualquer esclarecimento que você desejar antes, durante ou após a entrevista. Estando ciente de todos estes procedimentos, pedimos seu consentimento para a realização da entrevista.

Nome: _____, RG: _____

Data de Nascimento: _____, Sexo: _____

Endereço: _____, Telefone: _____

Rio Claro, ____ de _____ de 2011.

Assinatura do sujeito da pesquisa

Assinatura da responsável pela pesquisa

Título do Projeto: *Evolução da Prevalência do Aleitamento Materno na Unidade Básica de Saúde Cervezon de 2003 a 2011.*

Esta pesquisa está sob a responsabilidade da Prof^ª Dr^ª Silvia Marina Anaruma, do Departamento de Educação da UNESP, que se localiza na Avenida 24^ª, nº 1515 – Bela Vista, Rio Claro/ SP. O telefone para contato: 3526-4245 ou 3526-4277.

Graziela Bernardes Sbravatti – orientanda

Prof^a. Dr^a. Silvia Marina Anaruma – orientadora

Rio Claro, 16 de Dezembro de 2011.